



A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE SOLIDARIEDADE JUNTO AOS VULNERÁVEIS

Carlos Augusto Pinheiro Souto

Resumo

A música tem sido utilizada como forma de inclusão de crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social possibilitando a transformação social de comunidades periféricas, marginalizadas e esquecidas pelo poder público. O fazer musical coletivamente não representa apenas uma ação de desenvolvimento técnico, mas um meio de transcendência, libertação e desenvolvimento de habilidades sócio-espirituais que não se encerram no apagar das luzes do teatro, mas permanecem vivas e repercutem na família e na comunidade em geral, tornando-se uma ação fundamental para o desenvolvimento humano. Este artigo tem como objetivo, portanto, entender de que forma a música tem sido utilizada em projetos sociais como forma de inclusão de crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica. Consideramos que este estudo possibilitará uma melhor compreensão sobre a importância da música nos projetos sociais na periferia.

Palavras-chave: Música. criança. periferia.

Considerações Iniciais

A música está presente na vida dos seres humanos de forma incontestável. Todas as civilizações, de todos os tempos, se apropriaram dessa arte das mais diversas formas: através do canto ritualístico, da execução instrumental, dos grandes coros polifônicos, da dança, ou simplesmente através do assvio de uma melodia ou da batida de um determinado ritmo as pessoas se expressaram, se relacionaram, se articularam e buscaram forças, em favor de uma causa social e/ou espiritual, enfatizando, assim, a importância da música na sociedade.

Para os gregos a Doutrina do *Etos* consistia nas qualidades e efeitos morais da música. Essa doutrina integrava-se na concepção de Pitágoras sobre a música enquanto

microcosmos que representava um sistema de sons e ritmos regidos pelas leis matemáticas que atuavam no conjunto de tudo aquilo criado, visível e invisível.

A música, nesta concepção, não era apenas uma imagem passiva do sistema ordenado do universo; era também uma força capaz de afectar o universo – daí a atribuição dos milagres aos músicos lendários da mitologia. Numa fase posterior, mais científica, passaram a sublinhar-se os efeitos da música sobre a vontade e consequentemente, sobre o carácter e a conduta dos seres humanos.¹

Para Aristóteles a música imitava diretamente os estados da alma: brandura, ira, coragem, temperança, assim como os seus opostos. Para Platão e Aristóteles era possível contribuir com o desenvolvimento de pessoas boas através de um conjunto de ações públicas onde os dois elementos fundamentais seriam a ginástica e a música, a primeira contribuindo com o desenvolvimento do corpo e a segunda contribuindo com o espírito.

A despeito dos reducionismos recorrentes em torno da arte musical enquanto grande força social, “o poder da música está nas interações com os outros aspectos da cultura”.² Neste sentido, a música não é concebida como algo que se esgota nela mesma, mas que, ao estabelecer relações com outros aspectos da cultura, adquire um poder capaz de nortear e ressignificar a própria vida.

A música contribui para a integração social, funcionando como elemento integrador na sociedade e possibilitando um ponto de convergência onde os membros de uma determinada cultura se reúnem para participar de ações que exigem cooperação e coordenação do grupo.

O fazer musical pode ser compartilhado por pessoas de diferentes classes sociais, idades, religiões e formas de pensar o mundo. Em toda essa diversidade a música é capaz de ressignificar relações, aproximar os distantes, quebrar paradigmas conceituais e atribuir um novo sentido às relações humanas e à relação com Deus. Assim, constitui-se como grande força social e meio aglutinador de pessoas que buscam a paz e a justiça social.

A música como instrumento de solidariedade junto aos vulneráveis

A música tem sido utilizada, em diversos projetos sociais, como forma de inclusão de crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social. Seja ela, em

¹ GROUT, Donald J. PALISCA, Claude V. *História Ocidental da Música*. Lisboa, Gradiva, 2007.

² HAST, Dorothea E. *O poder transformador da música*. Belo Horizonte: Sete, 1999.

sua forma vocal, instrumental e/ou corporal tem possibilitado a transformação social de comunidades periféricas, marginalizadas e esquecidas pelo poder público. Essa transformação social resulta da possibilidade que a música tem em dignificar o ser humano, despertando-lhe, em linhas gerais, para a sua capacidade de ser criativo, de viver harmoniosamente em grupo, de ser ouvido, de ser valorizado, de sensibilizar e de contribuir com a alegria de outras pessoas. O fazer música coletivamente não representa apenas uma ação de desenvolvimento técnico, mas um meio de transcendência, libertação e desenvolvimento de habilidades sócio-espirituais que não se encerram no apagar das luzes do teatro, mas permanecem vivas e repercutem na família e na comunidade em geral, tornando-se, assim, uma ação fundamental para o desenvolvimento humano.

Por todo o seu alcance, a música vê-se dotada de um poder que beneficia a todos, [...]. Por essa razão, o trabalho musical bem planejado e o repertório musical bem selecionado sempre beneficiam o educando, resultando em desenvolvimento cognitivo, afetivo, intelectual, educação do pensamento, educação dos sentimentos e consciência de cidadania.³

Em geral, as crianças e adolescentes que residem nas periferias são estigmatizadas. Na escola são chamadas de “vileiras” ou outros termos correlatos tão depreciativos quanto aquele. O tratamento já explica um certo distanciamento. No convívio social essas crianças são vistas como perigosas por estarem cotidianamente num cenário composto pela violência, uso de drogas e pobreza. O contexto degradante onde essas crianças residem as expõe ao lixo e às doenças resultantes da falta de saneamento básico. É comum encontrar nesses espaços geográficos crianças descalças, sujas e sem muitas perspectivas para a vida. Carlos Augusto Pinheiro Souto, diz que

Associados a uma imagem negativa, os bairros da periferia, são geralmente vistos como um lugar de violência, vulgaridade, carência dos bens essenciais a uma vida com dignidade e outros. Os indivíduos que ali residem são estigmatizados como pessoas com “menos cultura”, em alguns casos violentos, vulgares, perigosos e insensíveis à própria vida.⁴

Chamamos a atenção não apenas para o estigma de morar na periferia, mas para o *déficit* de ações educativas em que se pese a ausência de políticas públicas e ações sistemáticas da igreja na área educacional, bem como a falta de investimentos em projetos

³ SEKEF, Maria de Lourdes. *Da música: seus usos e recursos*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

⁴ SOUTO, C.A.P. *Orquestra Villa-Lobos: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular*. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

sociais que favoreçam a formação profissional e cidadã, a periferia é contemplada ainda, cotidianamente com uma política de segurança repressiva. “A combinação perversa – presença enfraquecida do Estado, junto com a presença ostensiva dos grupos do tráfico ou milícias – leva à impossibilidade de existência de cultura cívica”.⁵

O estigma associado ao fato de residir na periferia, pode ser destacado, ainda, para a compreensão da existência de sentimentos de inferioridade que crianças e adolescentes revelam em seus relacionamentos. As crianças são condicionadas a conviver, cotidianamente, com o estigma de “vileiro”, “favelado” e, culturalmente, inferiores. Essa ideia, em geral, é compartilhada pela sociedade que faz, muito claramente, a distinção entre crianças da periferia e as outras crianças.

Não obstante, essas marcas que são impressas na criança da periferia, a convivência com crianças de outras classes sociais e ainda o recorrente apelo comercial empurra as crianças da favela para o consumo dos produtos da indústria cultural massificados pela mídia, o que representa uma espécie de condição *sine qua non* para uma sensação de igualdade social e enquadramento na cultura globalizada. Neste contexto surgem então os grupos de narcotraficantes que disputam essas crianças não apenas para o consumo, mas para o serviço do tráfico garantindo assim as condições necessárias para uma projeção, mesmo que ilegal, no que diz respeito a capacidade de consumo e ao sentimento de pertença na cultura globalizada e globalizante. A presença do tráfico, por sua vez, desencadeia a disputa por territórios e “clientes”, o conflito com a polícia que em geral resulta na morte de traficantes e/ou policiais e até mesmo na morte de pessoas inocentes que são vítimas de balas perdidas. Esse cenário acaba por reforçar o argumento de que a favela é um espaço sócio-espacial dominado pela cultura da violência.⁶

Em contraponto, a presença da música, o executar um instrumento e, através dele, fazer os outros felizes; o ser aplaudido e valorizado na própria comunidade e fora dela reacende naquela criança a esperança de uma nova vida.

Neste sentido, a música apresenta-se como forte ação solidária, de compromisso real com o outro. Ação que não se reduz, apenas, à inclusão em um grupo artístico-musical, nem a apresentações musicais, mas, sobretudo, desperta na criança a consciência de seu valor e da sua potência enquanto ser criado e cuidado por Deus. O fazer musical possibilita, ainda, que essas crianças estejam inseridas em outros cenários sociais e estejam em contato permanente com outras pessoas dos mais variados segmentos da sociedade. Essa multiplicidade de espaços sociais e de relacionamentos possibilita, por sua vez, o descortinar

⁵ PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann (Org.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009. p. 19.

⁶ SOUTO, 2013, p.61-62.

de novos horizontes que vão sendo visualizados de forma mais límpida a cada ensaio, aula ou apresentação.

Sofia Cristina Dreher diz que a música auxilia as pessoas que foram marginalizadas e desacreditadas. Através da música elas voltam a acreditar que podem proporcionar alegria a seus pais e à comunidade, bem como podem ser queridos (as) e admirados (as) em seu meio social. Rose Satiko Gitirana Hikiji, diz que

É inegável que a performance pública do conhecimento adquirido mexe com o performer. Suas habilidades estão sendo exibidas para um público amplo, que pode incluir seus familiares, que até então só tinham ouvido tímidos ensaios individuais. Ao levar a público seu conhecimento musical, o jovem está indo lá e mostrando que é capaz.⁷

Crianças e adolescentes rejeitados (as) pela sociedade, vencem tão grande mal que lhes é imposto com o bem (Rm 12. 21). Não raras vezes temos visto crianças e adolescentes pobres e excluídas demonstrando um grande virtuosismo em determinado instrumento e sensibilizando seus ouvintes. Através da música que fazem, seja individual ou coletiva, subvertem a ordem excludente que as tornam invisíveis e produzem alegria e transformação social. Isso porque, na música ou para música, o critério não é ser rico ou pobre, branco ou negro, pentecostal ou reformado, mas ser fiel mordomo dessa esplêndida dádiva de Deus que é a música, conforme Lutero, e usá-la como ferramenta de libertação.

A educação musical apresenta-se, portanto, como meio de ação solidária para os vulneráveis. O ensino sistemático da música em contextos periféricos têm revelado a grande relevância da música enquanto ação solidária para crianças e adolescentes em permanente estado de risco social. Para Sofia Dreher, nos últimos anos a mídia tem enfatizado a força que a música e o esporte têm quando o assunto é a recuperação de pessoas marginalizadas. Apesar dessa ênfase midiática, percebemos uma dificuldade ou resistência do poder público e, até mesmo, das igrejas na sistematização de políticas junto a essas pessoas. Isso deve-se ao custo elevado de materiais, como instrumentos musicais, ao grande estigma associado aos moradores da periferia, ao risco iminente gerado pela violência, e, diria ainda, ao *déficit* de profissionais preparados para atuarem naquele contexto.

Esse déficit não diz respeito a conceitos musicais, teológicos, pedagógicos, técnicos ou filosóficos, a propósito, a respeito desses aspectos os (as) alunos(as) estão bem servidos

⁷ HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

(as). Falo sobre um *déficit* de solidariedade. Chamo a atenção para uma conciliação necessária daquilo que se aprende nas faculdades teológicas com aquilo que se faz no mundo para o marginalizado, excluído e oprimido. A teologia e a educação musical são, nesse sentido, parceiras em potencial e podem ser produtoras de uma transformação real junto aos pobres. A teologia e a Educação musical podem dar as mãos para um trabalho sistemático junto aos menos favorecidos. É nesse cenário social que a Teologia e a Música podem protagonizar uma mudança efetiva nas vidas das pessoas. Esse protagonismo não acontece, todavia, com discursos teóricos e distantes da realidade das pessoas, mas a partir de uma prática transformadora e envolvente.

Considerações Finais

Considerando essa força indômita e multidimensional da música, a educação musical desenvolvida na periferia para crianças e adolescentes em permanente risco social, pode constituir-se como instrumento da *missio Dei*. Nesses contextos, mesmo que a igreja, enquanto instituição religiosa, não esteja presente, o vento do Espírito sopra e produz transformação e libertação pela música. Esses lugares de violência e exclusão onde o discurso de fé muitas vezes é assumido de forma proselitista e, em muitos casos, opressor, pode constituir-se como cenário para a libertação através da música.

A música pode ser entendida como meio, através do qual as comunidades pobres percebem-se cuidadas e amadas por Deus. A despeito das condições sub-humanas em que muitas comunidades periféricas vivem, a música é capaz de transformar esses contextos sociais, libertar o oprimido e revelar pistas para Deus. Nesse sentido Lutero é enfático ao falar sobre a importância da música e mencionar que depois da Palavra de Deus, a música tinha o maior destaque.

Referências

DREHER, Sofia Cristina. Música: Veículo de resgate e transformação comunitária e social. In: EWALD, Werner. (Org). *Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. Porto Alegre: coordenadoria de música da IECLB, 2010.

GROUT, Donald J. PALISCA, Claude V. *História Ocidental da Música*. Lisboa: Gradiva, 2007.

HARGREAVES, David. The development of artistic and musical competence. In: DELIEGI, Irene and Sloboda, David. *Musical Beginnings. Origins and Development of Musical Competence*. Oxford University Press. 2000.

HAST, Dorothea E. *O poder transformador da música*. Belo Horizonte: Sete, 1999.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann (Org.). *A escola e a favela*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SOUTO, C.A.P. *Orquestra Villa-Lobos: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular*. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.